

DO PRESENTE PARA O PASSADO: UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA MEDIEVAL NA CONTEMPORANEIDADE

DOI: 10.5935/2177-6644.20170018

FROM PRESENT TO PAST: A
REFLECTION ON THE TEACHING
OF MEDIEVAL HISTORY IN THE
CONTEMPORARY TIMES

DEL PRESENTE AL PASADO: UNA
REFLEXIÓN SOBRE LA ENSEÑANZA
DE LA EDAD MEDIA EN LA
CONTEMPORANEIDAD

Luciano José Vianna *

Resumo: Neste artigo, apresentamos uma breve (e inicial) reflexão sobre o Ensino de História Medieval no Brasil. Em um primeiro momento, refletimos sobre a revolução historiográfica e os novos objetos que surgiram no panorama historiográfico desde o começo do século passado, destacando como este desenvolvimento se refletiu no Medievalismo brasileiro. Em seguida, abordamos os problemas permanentes em termos de Ensino de História Medieval, ou seja, os conceitos e as barreiras (didáticas) temporais. Por fim, esboçamos algumas ideias sobre a relação entre o presente e o passado como um caminho possível a ser seguido no Ensino de História Medieval e uma proposta voltada para a reflexão através da arquitetura. Como conclusão, destacamos a possibilidade de como o Ensino de História Medieval no Brasil pode ser realizado a partir da realidade contemporânea servindo como caminho para a reflexão sobre o Ensino de História.

Palavras-chave: Ensino de História Medieval. Presente e passado. Contemporaneidade.

Abstract: In this article, we present a short (and initial) reflection on the teaching of Medieval History in Brazil. First, we reflect on the historiographical revolution and the news objects that emerge in the historiographical landscape since the beginning of the last century, highlighting how this development was reflected in the Brazilian Medievalism. After that, we discussed on the permanent problems in the teaching of Medieval History, that is, the concepts and the temporal (didactic) limits. Lastly, we trace some ideas on the relation between the present and the past as a possible way to be followed in the teaching of the Medieval History and a proposal focused on reflection through architecture. As a conclusion, we highlight the possibility of how the teaching of Medieval History in Brazil can be realized from the contemporary times, in order to serve as way to the reflection on the teaching of the History.

Keywords: Teaching of Medieval History. Present and the Past. Contemporary Times.

Resumen: En este artículo, presentamos una breve (e inicial) reflexión sobre la enseñanza de la Edad Media en Brasil. En un primer momento, reflexionamos sobre la revolución historiográfica y los nuevos objetos que surgieron en el paisaje historiográfico desde el comienzo del siglo pasado, con especial atención a la influencia de este desarrollo en el medievalismo brasileño. En seguida, analizamos los problemas permanentes en relación a la enseñanza de la Edad Media, es decir, los conceptos y las barreras (didácticas) temporales. En el último momento, delineamos algunas ideas sobre la relación entre el presente y el pasado como una vía posible para ser desarrollado en la enseñanza de la Edad Media y una propuesta dirigida hacia la reflexión mediante la arquitectura. Como conclusión, resaltamos la posibilidad de como la enseñanza de la Edad Media en Brasil puede ser realizada desde la realidad contemporánea, sirviendo como ejemplo hacia la reflexión sobre la enseñanza de la Historia.

Palabras clave: Enseñanza de la Edad Media. Presente y pasado. Contemporaneidad.

* Professor adjunto da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina. Doutor em *Cultures en contacte a la Mediterrània* pela Universitat Autònoma de Barcelona (UAB). Membro do *Institut d'Estudis Medievals* (UAB-IEM). Coordenador do *Spatio Serti* – Grupo de Estudos em Medievalística (UPE/campus Petrolina). E-mail: luciano.jose.vianna@gmail.com

Introdução

É tal a força da solidariedade das épocas que os laços de inteligibilidade entre elas se tecem verdadeiramente nos dois sentidos. *A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado* (BLOCH, 1965, p. 42).

Não basta, porém, o cuidado do historiador em ressuscitar os fragmentos mortos do passado, *é preciso também um olhar de etnólogo sobre as manifestações vivas do presente que carrega aquela herança* (FRANCO JÚNIOR, 2008, p. 84).

Na interação entre o presente e o passado, observamos uma série de materializações, manifestações e representações sobre o Medievo transmitidas através de releituras e apropriações contextuais, muitas das quais estão presentes em nossa contemporaneidade. Tais ações são compreendidas quando identificamos diversas presenças de aspectos medievais em nosso cotidiano, como, por exemplo, as torres e o transepto de uma catedral; ou quando entramos em uma livraria e nos deparamos com obras literárias contemporâneas que retratam a vida de reis e rainhas do Medievo; ou então quando dirigimos nosso carro pelas ruas de uma cidade e nos deparamos com um *outdoor* anunciando a estreia de um filme ambientado no que chamamos de período medieval. Entretanto, tais perspectivas contemporâneas em relação ao Medievo não surgiram *ex nihilo*. As mesmas foram construídas de forma interativa social e culturalmente, o que, de certa forma, influenciou na constituição de nossa mentalidade contemporânea, e isso nos mais diferentes âmbitos, tais como o religioso, o político, etc...

Em termos de Ensino de História, gradativamente o período histórico conhecido como Medievo tornou-se um componente curricular no contexto territorial brasileiro, transformando-se em um importante campo para a formação do historiador no Brasil. Tal fato possibilitou não somente uma melhor compreensão do passado medieval ibérico vinculado ao desenvolvimento histórico do território brasileiro, mas também uma compreensão, com foco em uma perspectiva de continuidade, do desenvolvimento da história e da cultura dos territórios que mantiveram contatos com o território ibérico medieval (FIGUEIREDO NOGUEIRA, 2002, p. 291-297).

Neste sentido, pensando em uma perspectiva voltada para o Ensino de História com destaque para as continuidades e permanências históricas em um determinado

período, algumas perguntas são cruciais para delinear nossa reflexão. Por exemplo, quais são as características das manifestações, materializações e representações do Medievo em nossa contemporaneidade? Como tais recuperações do passado medieval foram realizadas? Quais foram as motivações que podem ser destacadas para a realização de tais atos? Estas recuperações obedecem a quais tipos de releituras (políticas, religiosas, etc...)? No que se refere ao contexto territorial brasileiro, como tais recuperações foram pensadas e como foram elaboradas? Estas perguntas nos levaram a elaborar um dos nossos projetos de pesquisa que atualmente desenvolvemos na Universidade de Pernambuco/*campus* Petrolina intitulado *O Medievo no presente: materializações, manifestações e representações no cenário contemporâneo*, com o intuito de refletir, a partir da contemporaneidade, sobre os aspectos medievais relacionados às materializações, às manifestações e às representações no cenário contemporâneo, considerando o constante movimento humano de reflexão sobre a interação entre o presente e o passado e observando este desenvolvimento paralelo ao desenvolvimento historiográfico.

A observação deste período histórico através de uma visão contemporânea favorece uma possibilidade de ensiná-lo também a partir desta perspectiva, ou seja, através das reflexões contemporâneas sobre o Medievo. Portanto, neste artigo, trabalharemos com esta perspectiva, apresentando uma breve (e inicial) reflexão sobre as possibilidades do Ensino de História Medieval *na e a partir da* contemporaneidade.

Um importante começo: a revolução historiográfica e os novos objetos

O Medievo tem sido um dos períodos históricos mais utilizados para se fazer considerações sobre reflexões historiográficas. De uma forma específica, a historiografia medieval tornou-se um dos campos de trabalho mais privilegiados para uma aproximação à realidade histórica de uma forma mais concreta, destacando-se por produzir boa parte das reflexões sobre as tendências historiográficas atuais (NICHOLS, 1991, p. 1-26).

O campo do Medievalismo, a partir dos anos 70 do século passado, passou por uma repercussão considerável, o que favoreceu a renovação epistemológica da disciplina História. Historiadores como Johan Huizinga, Marc Bloch, Georges Duby e Jacques Le Goff contribuíram de forma decisiva para favorecer a renovação das ferramentas metodológicas utilizadas pelos historiadores para textualizarem suas reflexões

(AURELL, 2005). Tal movimento continuou a partir dos anos 80 do século passado, principalmente se observarmos o movimento do medievalismo norte americano, o qual apresentou uma constante renovação metodológica (FREEDMAN e SPIEGEL, 1998, p. 677-704).

Junto à renovação das metodologias, podemos acrescentar a ampliação dos temas e o surgimento de novos objetos de pesquisa, o que, de certa forma, acompanhou a trajetória do desenvolvimento historiográfico, principalmente a partir dos anos 70 do século passado. Entretanto, esta ampliação temática tardou a se manifestar no cenário brasileiro. O Medievalismo brasileiro permaneceu por décadas sem estabelecer um diálogo considerável internamente entre diversas áreas, tais como História, Filologia, Literatura, Filosofia, História da Arte, etc..., característica que se modificou com a presença no panorama histórico das propostas da História Cultural (FRANCO JÚNIOR, MONGELLI, VIEIRA, 2008, 177-219). A partir desta perspectiva, uma das principais mudanças que observamos foi a multiplicação dos objetos de estudo. Devemos lembrar que esta mudança ocorreu a partir de uma perspectiva global relacionada à historiografia: na transição dos anos 70 para 80 observa-se uma série de reflexões teórico metodológicas principalmente advindas da História Cultural, na qual o aspecto interdisciplinar era um dos mais evidentes e necessários (COELHO, 2006, 29-33).

Com isso, novas abordagens, novos métodos e, principalmente, novos temas e objetos de pesquisa surgiram no cenário historiográfico medieval. Para exemplificar a multiplicação das possibilidades de temas de trabalho, podemos citar, por exemplo, a publicação da coletânea de verbetes intitulada *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, publicado em dois volumes e traduzido para o português em 2002, o qual forneceu ao pesquisador brasileiro uma diversidade temática em relação ao Medievo com oitenta e dois verbetes, tais como “Além”, “Alimentação”, “Anjos”, “Bíblia”, “Catedral”, “Cidade”, “Deus”, “Diabo”, “Heresia”, “Igreja e Papado”, “Indivíduo”, “Literatura”, “Marginais”, “Memória”, “Mercadores”, “Natureza”, “Parentesco”, “Peregrinação”, “Santidade” “Sexualidade”, “Tempo”, entre outros. A diversidade de temas apresentados nesta obra proporcionou um novo olhar sobre o período, desvinculando-se “dos setores tradicionais da historiografia como ‘Arqueologia’, ‘História da Arte’, ‘História Econômica’” (LE GOFF e SCHMITT, 2002, 11-18).

Em termos de Ensino de História, a preocupação histórica e a revolução historiográfica fizeram com que este período se tornasse cada vez mais objeto dos

professores nas práticas de sala de aula. Por exemplo, ao anunciar uma série de conselhos sobre como trabalhar com o Medieval em sala de aula, José Rivair Macedo direcionou sua atenção para que o Ensino de História Medieval revelasse “aos estudantes aspectos do nosso passado que continuam a interagir com o presente”, ou então que refletisse “a respeito da atualidade do legado cultural da Idade Média” (MACEDO, 2013, p. 109-125). Mesmo havendo o reconhecimento do desenvolvimento historiográfico no campo do Medievalismo, sendo considerando, inclusive, como o carro-chefe da historiografia contemporânea (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 13-14), no que se refere ao Ensino de História ainda nos deparamos com algumas questões que merecem atenção e que devem ser repensadas visando um melhor e mais apropriado trabalho com este período na dimensão do ensino.

Problemas permanentes: conceitos e barreiras (didáticas) temporais

Quando iniciamos o conteúdo de História Medieval em sala de aula um dos primeiros conteúdos a serem abordados é o contexto final do Império Romano e o início da formação de novas estruturas políticas e sociais no Ocidente medieval, contexto que podemos localizar, aproximadamente, entre os séculos III e VI. Neste contexto, deparamo-nos com o conceito de “invasões bárbaras”, o qual, de acordo com Jean-Claude Schmitt, “convida a uma dupla crítica”, fazendo referência tanto ao termo “invasões” quanto ao termo “bárbaro”, ambos não mais utilizados na historiografia (BASCHET, 2006, p. 49). Em termos historiográficos, tal conceito já foi desconstruído por Jacques Le Goff em uma de suas publicações mais conhecidas em território brasileiro, intitulada *A civilização do Ocidente medieval*, publicada originalmente em 1964 (LE GOFF, 2016).

A desconstrução de ideias conceituais e que delimitam a possibilidade de uma compreensão múltipla e diversa sobre determinada realidade deve ser realizada pelo professor em sala de aula, uma vez que, em termos de Medieval, muitas publicações acadêmicas contemporâneas já apresentam esta perspectiva distinta voltada não mais para uma junção de ideias representadas por um conceito, mas sim para uma diversidade de situações as quais demonstram “inúmeros traços originais da Europa durante a Idade Média” (MACEDO, 2016, p. 109-125).

Outro problema constante com o qual os professores se deparam em suas aulas são as barreiras (didáticas) temporais, as quais muitas vezes prejudicam o aprendizado se não forem trabalhadas de forma adequada, principalmente se os contextos aos quais fazem referência não forem considerados como contextos de transição gradual, de lenta mudança histórica. Por exemplo, ao refletir sobre os limites cronológicos do Medievo, Giuseppe Sergi destacou as datas mais tradicionais que são abordadas sobre o período: 476-1492 (deposição de Rômulo Augusto e descobrimento da América por Cristóvão Colombo) e 410-1453 (saque de Roma pelos visigodos e conquista de Constantinopla pelos turcos); para determinar o início do Renascimento, o autor aborda a questão das especificidades nacionais, tais como 1485 (início da dinastia Tudor na Inglaterra), 1494 (início das conquistas de Carlos VIII na França) e 1517-1519 (rebelião de Lutero e eleição de Carlos V na Alemanha), demonstrando, assim, a diversidade de interpretações que existem sobre as limitações temporais de um mesmo período (SERGI, 2001, p. 29). Neste sentido, trabalhar com a ideia de barreiras (didáticas) temporais fluidas no sentido de demonstrar as continuidades e os rompimentos no desenvolvimento histórico poderia auxiliar a matizar uma perspectiva que muitas vezes é passada sem flexibilidade e sem interação, como muitas vezes são representados os contextos de transição histórica.

No que diz respeito ao Medievo, por exemplo, encontramos diversos períodos internos ao mesmo, os quais servem para delimitar contextos temporais que facilitam a caracterização do desenvolvimento histórico. Neste sentido, a utilização das divisões internas do Medievo elaboradas por Hilário Franco Júnior (Primeira Idade Média [IV-VIII], Alta Idade Média [VIII-X], Idade Média Central [XI-XIII] e Baixa Idade Média [séculos XIV-XVI]) auxiliam no sentido de os alunos compreenderem este período como não sendo unitário em seu desenvolvimento (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 15-17).

É certo que as periodizações são um ato de produção histórica elaborado para identificar determinada contemporaneidade e para estabelecer parâmetros didáticos para facilitar o ensino, e o período histórico, conseqüentemente, é um produto deste ato. Ensinada e pesquisada a partir desta perspectiva, a História é vista como uma sucessão de períodos. Além disso, abordado a partir desta perspectiva, um período pré-estruturado tem a tendência a ser apresentado como um mundo fechado, sem conexões temporais com outros, o que promove uma dificuldade em se observar e destacar as continuidades entre determinados períodos, principalmente com a contemporaneidade. Assim, o ensino realizado a partir de um contexto com base em uma periodização histórica fechada e não

dinâmica pode causar, no público ao qual é destinado o ensino, um estranhamento total com o mesmo (SEGAL, 1991, p. 105-115).

Em uma de suas últimas publicações, Jacques Le Goff abordou o que ele denominou como “a longa Idade Média” (*le long moyen âge*), conceito elaborado anos atrás (LE GOFF, 2014) e que foi retomado no livro intitulado *A História deve ser dividida em pedaços?* (LE GOFF, 2015). Neste livro, ao tentar “precisar o que é um verdadeiro período histórico”, Le Goff indicou diversas continuidades entre o que tradicionalmente é considerado o final do Medieval e o que é tradicionalmente considerada a etapa histórica posterior, ou seja, o Renascimento, sendo que este último é visto pelo autor como um momento que “só marcou um último subperíodo de uma longa Idade Média”. Sua proposta, portanto, se fundamenta na utilização e abordagem de uma longa duração, na qual há lugar para os períodos, os quais, de acordo com o autor, deveriam ser abordados em termos de combinação entre continuidades e descontinuidades (LE GOFF, 2015, p. 124, 131-133):

Há, na longa duração, lugar para os períodos. O controle de um objeto vital, intelectual e ao mesmo tempo carnal, como pode ser a história, parece-me necessitar de uma combinação de continuidade e descontinuidade. É isso que a longa duração, associada à periodização, oferece. [...]. A periodização é, assim, um campo maior de investigação e de reflexão para os historiadores contemporâneos. Graças a ela se esclarece a maneira pela qual a humanidade se organiza e evolui na duração, no tempo (LE GOFF, 2015, p. 124, 131-133).

Observamos, portanto, que a preocupação com uma reflexão de continuidade, principalmente localizada (tradicionalmente) entre dois períodos históricos, tem servido como base de argumentação para a reflexão histórica e pode servir para reflexões sobre o Ensino de História Medieval. Uma associação entre continuidade e descontinuidade, assim como entre a periodização e a longa duração, pode favorecer um entendimento mais claro, principalmente no sentido de identificar e estabelecer contatos entre a contemporaneidade e um passado distante.

Um caminho possível: a relação entre o presente e o passado

Ao considerar as barreiras (didáticas) temporais como fluidas, observamos que a relação entre o passado e o presente é mais constante do que imaginamos. Na obra de Marc Bloch, intitulada *Introdução à História*, observamos esta relação como um conselho

dado pelo autor para os historiadores, destacando a “força da solidariedade das épocas” (BLOCH, 1965, p. 39-46). Seja em uma perspectiva menos abrangente, como o cotidiano, seja em uma perspectiva mais ampla, como uma conjuntura, estes dois tempos se interpenetram intrinsecamente e constantemente apresentam relações que nos fazem repensar nossos objetos de estudo. Assim, aspectos de um passado distante ainda se fazem presentes no presente, possibilitando, dessa forma, repensar o Ensino de História em suas mais diversas manifestações temporais.

Nesta interação entre o presente e o passado, marcas, estratos e impressões do tempo pretérito acabam sendo transportadas e se manifestam em contextos posteriores. E este é o caso do Medievo. Para a explicação de sua permanência em um contexto contemporâneo e para a realização do Ensino de História Medieval a partir desta permanência, alguns conceitos têm sido elaborados nos últimos decênios para servir como norteadores de estudos voltados para a transposição de barreiras temporais estabelecidas didaticamente, assim como para servir de norteadores para a compreensão de recuperações de tempos passados na contemporaneidade.

Neste sentido, devemos compreender a diferença conceitual entre os termos *reminiscências medievais* e *medievalidade*. De acordo com José Rivair Macedo, entende-se por *reminiscências medievais* “as formas de apropriação dos vestígios do que um dia pertenceu ao Medievo, alterados e/ou transformados como passar do tempo”, assim como as festas, os costumes populares, as tradições orais de cunho folclórico que remontam ao contexto anterior ao século XV, ou até mesmo os monumentos arquitetônicos originados no Medievo. No que diz respeito à *medievalidade*, o Medievo sempre aparece “como uma referência, e por vezes uma referência fugidia, estereotipada”, algo bem explorado pela indústria musical, pelos jogos eletrônicos e pelas representações cinematográficas (MACEDO, 2009, p. 13-48).

Uma das possibilidades de se estudar o Medievo a partir de um olhar contemporâneo é analisa-lo em suas manifestações atuais, algumas das quais surgidas e/ou elaboradas no território brasileiro, ou seja, destacando a relação entre o território e a temporalidade. Considerando esta possibilidade, estaríamos observando, por exemplo, o Ensino de História a partir da realidade do corpo discente. Ademais, sobre esta perspectiva, as palavras de Hilário Franco Júnior são exemplares:

Estudar História – de qualquer época e de qualquer local – não deve ser tarefa utilitarista, não deve “servir” para alguma coisa específica. A função de seu estudo é mais ampla e importante; é desenvolver o espírito crítico, é exercitar a cidadania. Ninguém pode atingir plenamente a maturidade sem conhecer a própria história, e isso inclui, como não poderia deixar de ser, as fases mais recuadas do nosso passado. Assim, estudar História Medieval é tão legítimo quanto optar por qualquer outro período. Mas não se deve, é claro, desprezar pedagogicamente a relação existente entre a realidade estudada e a realidade do estudante. Neste sentido, pode ser estimulante mostrar que, mesmo no Brasil, a Idade Média, de certa forma, continua viva (FRANCO JÚNIOR, 2011).

Gradativamente, cada vez mais passou-se a compreender o Medieval como um período no qual foi criado o mundo moderno e com o qual o nosso cotidiano apresentava diversos vínculos com um contexto, *a priori*, considerado como distante (FERNANDES, 1999, p. 7-14). Neste sentido, Raul César Gouveia Fernandes, em um importante texto metodológico sobre o estudo da Idade Média, alerta para a importância dos estudos medievais para o entendimento da história e da cultura dos países americanos:

Pode-se afirmar, portanto, que os estudos medievais também auxiliam a compreender a história e a cultura dos países americanos: a própria expansão marítima, que ocasionou a descoberta do Novo Mundo, tem suas raízes solidamente vincadas na Idade Média. Temas da literatura medieval, como a gesta de Carlos Magno, permanecem vivos ainda hoje na poesia de cordel nordestina; além disso, é sabido que diversos escritores brasileiros de nosso século, entre os quais Manuel Bandeira, Guimarães Rosa e Adélia Prado, beberam fartamente de fontes medievais (FERNANDES, 1999, p. 7-14).

Embora nosso território não tenha participado de forma direta do Medieval, ou seja, temporalmente, o mesmo foi permeado, a partir do século XVI, por questões voltadas para este período histórico. O fragmento destacado acima ainda apresenta as formas pelas quais o Medieval continuou se manifestando mesmo após o seu “fim” tradicional, ou seja, o século XV, como a literatura. As palavras de Hilário Franco Júnior, escritas há mais de vinte anos, servem de reflexão inicial para observar as materializações, as manifestações e as representações de aspectos medievais no Brasil:

Diversos elementos medievais continuaram presentes nos tempos seguintes, e alguns até hoje. Mas, para captá-los, é necessário ampliar o campo temporal observado, o *corpus* documental examinado, o instrumental metodológico utilizado. Deve-se alargar a atenção para a

Europa medieval em geral e Portugal em particular. Não basta, porém, o cuidado do historiador em ressuscitar os fragmentos mortos do passado, *é preciso também um olhar de etnólogo sobre as manifestações vivas do presente que carrega aquela herança*. Todo material disponível, mesmo aquele aparentemente menos nobre que crônicas, diplomas e peças arqueológicas, deve ser analisado. Poucos estudiosos negariam atualmente que tanto o documento histórico quanto o etnográfico ganham esse estatuto ao serem utilizados como indícios explicativos das questões que lhe são colocadas: as fontes não criam o historiador e o etnólogo, mas o inverso (FRANCO JÚNIOR, 2008, p. 80-104).

Observando a nossa contemporaneidade, alguns campos se destacam, como, por exemplo, a materialização/construção de diversas catedrais no Brasil, principalmente na virada do século XIX para o século XX e que foram edificadas no estilo neogótico.

Um exemplo: o voltar-se para o passado e a reflexão a partir da arquitetura

O lugar para onde se busca fugir é também uma construção da própria época. Ou seja, a Idade Média revivida ou “reencontrada” (*retrouvée*, como dizem muitas vezes os franceses), com seu “gótico”, era produto do século XIX. Mas nem por isso deve ser descartada pelos medievalistas atuais: apesar de falar mais do século XIX que do XIII ou do XV, ela faz parte, necessariamente, do que hoje, no século XXI, vemos como medieval, ou conservamos da Idade Média (como seus monumentos restaurados). Tentar eliminá-la seria tão fadado ao insucesso como ocorreu com muitos arquitetos do séc. XIX que tentaram expurgar de suas catedrais os traços de outras épocas, chegando a ficções do gótico (PEREIRA, 2011, p. 1-16).

A construção das catedrais neogóticas no Brasil ocorreu principalmente durante as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Tal movimento obedeceu a um movimento anterior denominado *Revivalismo*, contextualizado na segunda metade do século XVIII e que se manifestou tanto na Europa quanto na América (PEREIRA, 2011, p. 1-16).

Construídas em um estilo denominado neogótico, tal estilo preserva algumas características do estilo gótico, o qual serviu como norteador para a construção das catedrais durante o Medievo (DUBY, 1979), especificamente entre o começo do século XII e o final do século XIII, o qual, por sua vez, apresentava em sua composição espacial características próximas ao estilo românico, considerado, então, como o primeiro estilo arquitetônico a apresentar uma certa uniformidade no Ocidente medieval (GARCIA-VILLOSLADA, 1958, p. 335-347).

Ao estabelecer uma linha do tempo comparando as diversas manifestações arquitetônicas que surgiram no Medievo com as que estão presentes em nossa contemporaneidade, no aspecto Ensino de História podem ser abordadas diversas questões, fundamentadas nas principais diferenças entre os estilos românico e gótico e suas relações com a sociedade da época. Considerando a definição de espaço social elaborada por Henri Lefebvre, na qual “cualquier espacio social puede devenir objeto de un análisis formal, de un análisis estructural y, por último, de un análisis funcional” (LEFEBVRE, 2013, p. 198), o espaço interior de uma catedral neogótica pode ser analisado, através de um exercício de voltar-se para o passado, para explicar questões sociais relacionadas a épocas anteriores. Neste sentido, o Ensino de História Medieval, a partir das manifestações arquitetônicas religiosas contemporâneas, estabelecendo e explicando as diferenças de construção entre as mesmas e, principalmente, relacionando-as com o desenvolvimento da sociedade da época, pode ser uma forma pela qual o ensino deste período pode ser realizado fugindo um pouco da sala de aula.

Por exemplo, podem ser abordadas questões relativas ao contexto do surgimento do estilo arquitetônico românico, o qual obedecia a uma perspectiva rural – abordando a ruralização da sociedade ocidental europeia ocorrida desde os séculos III e IV – (LE GOFF, 2016, p. 32) e a uma iniciativa monástica (GARCIA-VILLOSLADA, 1958, p. 335-347). Através do surgimento deste estilo, também pode ser abordada a questão do surgimento das relíquias no Cristianismo, as quais estavam localizadas no deambulatório (ERLANDE-BRANDENBURG, 2002, p. 173-184) e que, gradativamente, fizeram parte das práticas relacionadas à religião principalmente entre as populações da época.

A organização espacial das igrejas românicas também pode ser abordada no sentido de relacioná-la com a organização social representada pela divisão entre clérigos e leigos, nos quais aqueles cada vez mais passaram a formar um grupo especializado em termos de cristianismo (SCHMITT, 2002, p. 237-250). A própria preocupação visual da Igreja durante o surgimento do estilo românico também se manifesta neste contexto, uma vez que as paredes estavam destinadas a ser decoradas com pinturas (GARCIA-VILLOSLADA, 1958, p. 335-347), obedecendo, muitas vezes, a uma proposta de pedagogia do visual. Além disso, o surgimento deste estilo ocorreu em um contexto no qual a turbulência das relações sociais estava em declínio, o que favoreceu, de certa forma, para o surgimento desta manifestação considerada a primeira que apresentou uma uniformidade em todo o Ocidente:

É o momento em que a cultura medieval, a mais típica, oculta até então sob a terra obscura e áspera dos séculos IX e X, começa a germinar e a verdejar. [...]. O estilo ou arte românica, que, preenchendo todo o primeiro período da Idade Média, prolongou-se até princípios do século XIII, começou a formar-se com a queda do Império Romano, do qual logrou manter a uniformidade artística em todo o Ocidente (GARCIA-VILLOSLADA, 1958, p. 335-347).

Sobre o contexto do surgimento do estilo arquitetônico gótico, podem ser abordadas as questões da iniciativa da realeza na construção das catedrais (DUBY, 1979, p. 100), um momento no qual a Cristandade já apresentava uma identidade mais fortalecida internamente e mantinha um contato bélico com aqueles que não participavam da mesma, estabelecendo uma relação, concomitante, portanto, com o contexto das Cruzadas e da Reconquista (em muitos vitrais de catedrais medievais se observa a representação de cruzados, por exemplo).

Outra possibilidade é trabalhar com questões relacionadas à nova espiritualidade que gradualmente se desenvolveu no Ocidente medieval a partir do começo do século XIII, exemplificada pelos franciscanos e dominicanos, pela a presença cada vez maior de leigos em movimentos espirituais e pelo “o cristianismo no feminino”, como destacou André Vauchez. A construção do espaço, no caso das catedrais góticas, também pode ser trabalhada no sentido de abordar os aspectos da evolução demográfica no Ocidente medieval (ERLANDE-BRANDENBURG, 2002, p. 173-184), respondendo, portanto, a principal impressão que tais construções causavam: as suas dimensões (LE GOFF, 2010, p. 84).

Além disso, também podem ser abordados no Ensino de História os elementos surgidos neste contexto, como, por exemplo, os vitrais, os quais traziam em sua dimensão diversas imagens relacionadas ao contexto religioso e também obedeciam a uma preocupação visual por parte da igreja deste período (DUBY, 1979, p. 109-110). Por fim, uma das principais diferenças em relação ao românico, ou seja, a presença da luz no interior do edifício, também pode ser abordada relacionando-a à nova espiritualidade que se desenvolveu no contexto, vinculada à ideia de uma cristandade definida interna e externamente:

Proveniente de uma irradiação, o universo é um fluxo luminoso que desce em cascatas, e a luz que emana do Ser primeiro instala no seu

lugar imutável cada um dos seres criados. Mas ela une-os a todos. [...]. Era portanto necessário ainda que, desde o coro até a porta, a erupção luminosa pudesse difundir-se sem obstáculo por todo o espaço interior da igreja e que o edifício inteiro se tornasse assim símbolo da criação mística (DUBY, 1979, p. 105).

Considerações finais

A proposta apresentada neste artigo não é fechada e nem definitiva. Pelo contrário, a breve reflexão sobre o Ensino de História Medieval apresentada nas páginas anteriores caracteriza-se por ser uma reflexão inicial pensada a partir de nossas experiências em sala de aula, utilizando como exemplo as diversas materializações, manifestações e representações do Medievo no cenário contemporâneo, e utilizando-as no curso de formação de professores que atuarão posteriormente em sala de aula.

A revolução historiográfica e as novas possibilidades de utilização de objetos na pesquisa histórica favoreceram a modificação e ampliação do pensamento sobre a pesquisa em História Medieval, influenciando, conseqüentemente, as reflexões sobre o ensino deste período. Um dos problemas que ainda encontramos no Ensino de História Medieval é a utilização de conceitos de forma errônea, os quais podem dificultar o aprendizado caso não sejam abordados corretamente pelos professores e também a não preocupação de demonstrar a fluidez contextual ao se utilizarem barreiras (didáticas) temporais para a análise de um período histórico.

Através do resgate das obras de historiadores, identificamos um possível caminho pelo qual podemos trabalhar estes problemas em sala de aula, ou seja, a relação entre o presente e o passado, a qual, no caso do Medievo e da contemporaneidade, pode servir em termos de Ensino de História para a realização do ensino a partir da realidade contemporânea do aluno. Observamos que a relação entre estes dois tempos é mais voltada para uma fluidez que uma ruptura, o que serve para explicar a presença das diversas materializações, manifestações e representações do Medievo em nossa contemporaneidade. Um exemplo desta forma de Ensino de História através de um exercício de voltar-se para o passado é a utilização das catedrais neogóticas como âmbito de ensino, principalmente através de uma ótica comparada e de regresso aos estilos arquitetônicos que se manifestaram no Medievo, como é o caso do românico e do gótico.

Por fim, duas questões que temos que ter em mente ao se pensar o Ensino de História. A primeira: é necessário aproximar os âmbitos da pesquisa e do ensino em termos históricos, de forma que ambos se tornem intrínsecos e se desenvolvam em conjunto. A segunda: é necessário adaptar-se à realidade contemporânea e é preciso encontrar novos caminhos para se ensinar História. Considerando as renovações historiográficas ocorridas durante quase todo o século passado, a rápida interação e divulgação de informações proporcionadas pela *internet* e pelo uso desta na pesquisa em História, há a necessidade de sair da sala de aula para se ensinar História e também de “fugir” da História para se ensinar a mesma, uma vez que a própria História deixou de ser, há tempos, somente História.

Referências

- AURELL, Jaume. **La escritura de la memoria**. De los positivismos a los postmodernismos. València: Publicacions Universitat de València, 2005.
- BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal**. Do ano mil à colonização da América. Rio de Janeiro: Globo, 2006.
- BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1965.
- COELHO, Maria Filomena. Breves reflexões acerca da História Medieval no Brasil. In: SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da, SILVA, Leila Rodrigues. (Org.). **Atas da VI Semana de Estudos Medievais do PEM**. Rio de Janeiro: Programa de Estudos Medievais, 2006, p. 29-33.
- DUBY, Georges. **O tempo das catedrais**. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.
- ERLANDE-BRANDENBURG, Alain. Catedral. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (eds.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Vol. I. São Paulo: EDUSC, 2002, p. 173-184.
- FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia. Reflexões sobre o Estudo da Idade Média. **Revista VIDETUR**, Num. 6, p. 7-14, 1999.
- FIGUEIREDO NOGUEIRA, Carlos Roberto. Os estudos medievais no Brasil de hoje. **Medievalismo**, Num. 12, p. 291-297, 2002.
- FREEDMAN, Paul e SPIEGEL, Gabrielle M. Medievalisms Old and New: The Rediscovery of Alterity in North American Medieval Studies. **The American Historical Review**, Vol. 103, Num. 3, p. 677-704, 1998.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média. Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. Raízes Medievais do Brasil. **Revista USP**, Num. 78, p. 80-104, 2008.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Somos todos da Idade Média**. Reflexões de História. Disponível em: <https://reflexoesdehistoria.wordpress.com/2011/01/31/somos-todos-da-idade-media-por-hilario-franco-junior>. Acesso em: 21 mai. 2017.

FRANCO JÚNIOR, Hilário; MONGELLI, Lenia Márcia de Medeiros; VIEIRA, Yara Frateschi. Estudos Medievais no Brasil. **Revista de poética medieval**, Num. 21, p. 177-219, 2008.

GARCIA-VILLOSLADA, Ricardo. **Historia de la Iglesia Católica II**. Edad Media (800-1303). La cristiandad en el mundo europeo y feudal. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1958.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

LE GOFF, Jacques. **A História pode ser dividida em pedaços?** São Paulo: Editora UNESP, 2015.

LE GOFF, Jacques. **Héroes, maravillas y leyendas de la Edad Media**. Barcelona: Paidós, 2010.

LE GOFF, Jacques. **Un long Moyen Âge**. Paris: Tallandier Éditions, 2004.

LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. Prefácio. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (eds.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Vol. I. São Paulo: EDUSC, 2002, p. 11-18.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitan Swing Libros, 2013.

MACEDO, José Rivair. Introdução – Cinema e Idade Média: Perspectivas de abordagem. In: **A Idade Média no Cinema**. José Rivair Macedo; Lênia Márcia Mongelli (Organizadores). São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 13-48.

MACEDO, José Rivair. Repensando a Idade Média no Ensino de História. In: **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. Leandro Karnal (Org.). São Paulo: Contexto, 2013, p. 109-125.

NICHOLS, Stephen G. The New Medievalism: Tradition and Discontinuity in Medieval Culture. In: BROWNLEE, Kevin; BROWNLEE, Marina S.; NICHOLS, Stephen G. (Orgs.). **The New Medievalism**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1991, p. 1-26.

PEREIRA, Maria Cristina Correia Leandro. O revivalismo medieval e a invenção do neogótico: sobre anacronismo e obsessões. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH – São Paulo, julho 2011, p. 1-16.

SCHMITT, Jean-Claude. Clérigos e Leigos. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (eds.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Vol. I. São Paulo: EDUSC, 2002, p. 237-250.

SEGAL, André. Periodisation et didactique: le ‘moyen age’ comme obstacle à l’intelligence des origines de l’Occident. In: Périodes de la construction du temps historique. **Actes du Colloque d’Histoire au présent**. Paris: Éditions de l’École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1991, p. 105-115.

SERGI, Giuseppe. **La idea de Edad Media**. Barcelona: Crítica, 2001.

VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade na Idade Média ocidental**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

Recebido em: 03 de outubro de 2017.

Aprovado em: 23 de dezembro de 2017.